



A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE DA CRIANÇA E OS DESAFIOS DO TRABALHO COM NORMA PADRÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Madalena Roque de Freitas¹

¹ Apresentar os dados de identificação da graduação do aluno e o e-mail. Ex.: Graduando do Curso de Administração da Católica de Vitória Centro Universitário. E-mail:

José Henrique Rodrigues Machado¹

RESUMO

O desenvolvimento da linguagem está diretamente ligado ao ambiente que envolve a criança e sua família. Existe uma influência significativa entre o tipo de família e o ambiente onde a criança se desenvolve, pois, elas são um reflexo das ações e do comportamento dos pais e por esta razão as particularidades da língua oral se refletem sobre aquela que está sendo construída pela criança. Nesse sentido, o objetivo deste artigo foi averiguar os processos educacionais aplicados diante da fala familiar dos alunos e suas problemáticas. Quanto ao método, foi adotado o bibliográfico que viabiliza ao pesquisador diferentes fontes digitais ou impressas para investigar o objeto de estudo. Os resultados mostram que fatores relacionados ao ambiente familiar podem influenciar na linguagem da criança. A sociolinguística é a ciência que permite conceber a língua como uma entidade viva que detém as características históricas, sociais, econômicas e geográficas de seus usuários, sendo importante utilizá-las como ferramentas indissociáveis do processo de construção da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente. Linguagem. Dialetos. Preconceito linguístico.

ABSTRACT

Language development is directly linked to the environment that surrounds the child and his family. There is a significant influence between the type of family and the environment where the child develops, because they are a reflection of the actions and behavior of the parents and for this reason the particularities of the oral language are reflected on the one being built by the child. . In this sense, the objective of this article was to investigate the educational processes applied to the familiar speech of students and their problems. As for the method, the bibliographic method was adopted, which allows the researcher to use different digital or printed sources to investigate the object of study. The results show that factors related to the family environment can influence the child's language. Sociolinguistics is the science that allows us to conceive of language as a living entity that holds the historical, social, economic and geographical characteristics of its users, being important to use them as tools inseparable from the language construction process,

KEYWORDS: Environment. Language. dialects. Linguistic prejudice.

1. INTRODUÇÃO

Todos já tiveram a experiência de estar em um lugar público e ouvir uma conversa acontecendo ao redor. Por razões de educação, geralmente não voltam o olhar diretamente para os eventuais participantes; são, no entanto, capazes de formar alguma impressão que os auxilie a identificá-los socialmente, avaliando a origem geográfica e a

¹ Licenciado em Letras (Línguas Portuguesa/Inglês), Pedagogia e Ciências Sociais, Mestre em História, Orientador de TCC do IF Goiano. E-mail: jhenrique_20@hotmail.com

classe social dos participantes desconhecidos e as circunstâncias da interação em que se acham envolvidos apenas com base na expressão verbal (CAMACHO, 2018).

A linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança, e, na maioria das vezes, é efetuada explicitamente pelos pais a partir de instruções verbais durante atividades diárias, assim como por meio de histórias que expressam valores culturais. A socialização que se dá pela linguagem pode ocorrer também de forma implícita, por meio de participação em interações verbais que têm marcações sutis de papéis e *status* (BORGES; SALOMÃO, 2003).

Vive-se em uma sociedade na qual a língua oral é imperativa, e por consequência caberá a todos que fazem parte dela se adequarem aos seus meios de comunicação, independentemente de suas possibilidades. Qualquer outra forma de comunicação, como ocorre com a língua de sinais, tende a não ser valorizada assim como as línguas orais (DIZEU; CAPORALI, 2005)

A língua como atividade social corresponde a um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas (GÖRSKI; COELHO, 2009).

A funcionalidade da língua vem sendo observada e estudada há algumas décadas pela ciência conhecida como sociolinguística variacionista. A sociolinguística tem como objeto de estudo, a língua falada em um determinado contexto social e de acordo com a situação real de uso do falante (LEITE & CALLOU, 2005). Sabe-se que língua e sociedade são indissociáveis, por isso língua é um instrumento complexo, possui inúmeras possibilidades de manifestação e de uso. Os estudos dessa ciência consideram a grande diversidade de expressões verbais de uma língua, ou seja, suas variações. Tamanha diversidade pode ter muitas causas, como o regionalismo, a cultura, a formação histórica, dentre outros (MATUCHAC et al. 2017).

É importante que o ensino e o aprendizado da linguagem em ambientes escolares explore situações que permitam aos alunos ter acesso a um amplo número de gêneros textuais, levando-os a investigar, comparar, questionar e

compreender as regras e recursos implicados em seu uso. Estabelecendo tais relações, os alunos estarão mais aptos ao exercício da cidadania, a realizar ligações inteligentes, produtivas e vantajosas entre textos e seus contextos de uso (CAMACHO, 2018).

Muito se tem discutido, na atualidade sobre o preconceito, principalmente nas escolas onde as crianças ainda em formação do conhecimento, cria-se um indesejável convivência entre os colegas. Portanto neste artigo demonstramos o processo linguístico da fala familiar dos alunos, ou seja, o que o aluno traz de cultura para a sala de aula. Como o professor deve agir diante das condições linguística que o aluno adquiriu no convívio familiar ou da sociedade. Este trabalho tem a relevância de mostrar que os conflitos da fala em regiões diferentes no território brasileiro, tem que ser respeitada e acima de tudo entendida.

Devido ao momento pandêmico que estamos passando no mundo, para a realização desse trabalho foi abordado leitura de livros didáticos, bibliografias, PPPs, artigos, assim como outros autores, também foram fontes de pesquisa para o enriquecimento das ideias e a averiguação de que as diferença linguísticas existe deste os primórdios do homem.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos, no qual o primeiro aborda o tema, que fala sobre a valorização linguística, expõe também os objetivos, a hipótese que por sua vez são apresentadas a indagações verificadas na pesquisa e a justificativa da questão levantada no tema.

No segundo capítulo enfatizaremos o referencial teórico o qual permite verificar a problematização da oralidade familiar, sob aspecto teórico e de outros estudos e pesquisas já realizadas. O referencial teórico possibilita a fundamentar a consistência, do trabalho em questão a entender como respeitar e a ensinar as variantes linguísticas em sala de aula. A importância da família e da sociedade na formação educacional da criança.

Há realidade distantes, mas também temos realidade bem próxima de nós em relação à discriminação não só em sala de aula como também na sociedade como uns todos, a fala em suas diferentes sonoridades, as variações conforme as regiões do nosso país. Portanto, os estudos aqui levantados são para esclarecer que as crianças nascem e

seu primeira convivência são os responsáveis e em seguida com a comunidade onde a relação se constrói e com ela o aprendizado e entre ela a fala.

Em sala de aula onde se reúne criança de origem distinta a variações linguística automaticamente aparece, cabe ao docente conduzir da melhor forma para que não ocorra o *bullying*.

Enfim, a pesquisa para a elaboração do trabalho requereu de muito cuidado e discernimento para que não ocorresse desvio de informações, uma vez que se trata de vida humana e principalmente de formação da criança.

Ao averiguarmos os grandes problemas enfrentados para o processo de composição de língua de nossos sujeitos sociais alunos compreenderam algumas dificuldades: o respeito ao seu jogo individual de interações, e, dentro dele, seu acesso a uma modalidade de nível linguístico. Os níveis de fala do aluno, por sua composição, inclusive familiar, impactam na forma com a qual, nós professores, deveremos trabalhar com ele. Assim sendo, esse problema de pesquisa emerge dessa necessidade de se dialogar sobre o fazer docente e o cuidado ao respeitar a fala que o aluno traz de casa, para só assim implementá-la, no processo de escolarização a que nos propusemos.

Sabemos da grande dificuldade que a escola tem tido, enquanto instituição, de estabelecer diálogo comunicativo diante do processo de formação de nosso sujeito social aluno, em sua formação. Os devidos processos não têm sido obedecidos, seja dito, por exemplo, o respeito ao processo de comunicação, razão principal da fala. Entendemos que esse olhar cuidadoso, fará com que saibamos dosar os conhecimentos prévios do aluno, para um processo de ensino, com métodos eficazes.

Ao averiguarmos os grandes problemas enfrentados para o processo de composição de língua de nossos sujeitos sociais alunos compreenderam algumas dificuldades: o respeito ao seu jogo individual de interações, e, dentro dele, seu acesso a uma modalidade de nível linguístico. Os níveis de fala do aluno, por sua composição, inclusive familiar, impactam na forma com a qual, nós professores, deveremos trabalhar com ele. Assim sendo, esse problema de pesquisa emerge dessa necessidade de se dialogar sobre o fazer docente e o cuidado ao respeitar a fala que o aluno traz de casa, para só assim implementá-la, no processo de escolarização a que nos propomos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A presente sessão tem como objetivo apresentar os pensamentos de alguns autores acerca do desenvolvimento da fala da criança, levando em consideração a oralidade familiar e social do aluno, em seguida será abordado a variação linguística para se entender melhor a diversidade de variações existentes no Brasil, consecutivamente abordará os preconceitos linguísticos de acordo com Paulo Freire e por fim, mostrar a importância da valorização dessa oralidade dentro das salas de aulas. Partindo disto, ideias proeminentes serão içadas e refletidas, ocasionando as aceitações que os autores mencionados em analogia ao tema abordado.

2.1 A LÍNGUA COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO

A língua é o principal meio de comunicação entre os humanos, enquanto fato social é um fenômeno ao mesmo tempo dinâmico e conservador. É conservador porque necessita manter certo grau de uniformidade para permitir a comunicação em uma dada comunidade linguística; é dinâmico porque se modifica com o tempo, estando também sujeito às influências regionais, sociais e estilísticas responsáveis pelos processos de variação linguística, como explica Preti (1994). Tais processos, que constituem o objeto de estudo privilegiado da sociolinguística, ramo da linguística que estuda as relações entre linguagem e sociedade.

A criança é um ser que nasce com distintas competências intelectuais e que por meio de suas interações com a família e com outras pessoas que a cerca desenvolve diferentes formas de se comunicar. Por esse motivo, a comunicação faz parte de um método que está diretamente unido aos conjuntos de aptidões que a criança tem, permitindo que sua conversação não esteja amarrado apenas da fala, mas de outras construções.

Segundo Santos e Farago (2015, p. 115):

a partir dessa interação e do diálogo com outras pessoas, a criança desenvolve uma inteligência denominada verbal, essa inteligência é guiada pela linguagem agindo sobre as ideias. A criança começa a comparar, classificar, inferir, deduzir etc., criando modalidades de memória e imaginação indicando situações de desejo e objetos do mundo externo, as crianças utilizam palavras que especifica características próprias, servindo de instrumento para o diálogo

e para o pensamento discursivo. Considerando esta afirmação, percebemos que a interação da criança com o mundo se torna mais significativa possibilitando maior desenvolvimento de sua autonomia. Na perspectiva de Vygotsky (1984), a criança tem contato com a linguagem através da interação com outro indivíduo, ou seja, de maneira social, recebendo estímulos através de suas primeiras interações por meio do contato com os pais e com a família.

A criança nasce sem conseguir compreender as linguagens que estão sendo faladas ao seu redor, então, se comunica da sua forma mais primitiva, através de choros, gritos e gemidos vai buscando manter uma comunicação com os adultos. No decorrer de suas vivências com mundo a criança passa a perceber que as falas que escuta possui significados que auxiliam nas relações uns com outros.

Nesse sentido, passa a perceber que fazendo uso de certos sons e das combinações entre eles, ela se torna mais compreendida e passa conseguir o que deseja da melhor maneira. Um exemplo que Vygotsky (1996, p. 209) traz é que, “dizendo “am-am”, pode-se conseguir algo para comer, e dizendo “ma-ma”, pode-se chamar a mãe”.

São nas imitações dos sons que escuta que a criança vai criando seu próprio vocabulário. Com um ano de idade esses sons são mais frequentes e no decorrer de seu crescimento sua linguagem vai se desenvolvendo. Por meio das junções de sons, a criança, inicialmente, usa a fala para exprimir seus desejos e satisfazê-los, quando ela faz essa percepção das palavras começa a ter curiosidade sobre tudo o que lhe interessa fazendo perguntas sobre o nome das coisas e usando a fala de maneira constante.

Logo, vai adquirindo de maneira gradativa maior repertório ao seu vocabulário e “Finalmente, depois de determinado período, começa a criar palavras ativamente, começando a ampliar seu estoque insuficiente de palavras com novas palavras inventadas de improviso” (VYGOTSKY, 1996, p. 210).

Nesse processo de construção da linguagem, a criança se interage e se comunica com pessoas que falam variações linguísticas diferentes, que por sua vez interfere nesse processo.

2.2 VARIAÇÕES LINGUÍSTICA

A variação linguística é um acontecimento essencial na linguagem portuguesa. No entanto, existe uma espécie de consenso entre estudiosos e educadores de que ela

não é abordada adequadamente nos ensinos. Entretanto, quando aborda sobre a temática, verifica como o enfoque da variação linguística vem sendo implementada no ensino de língua materna.

Assim podemos citar que de acordo com Tarallo (1994)

Variantes de uma comunidade de fala encontram - se sempre em relação de concorrência: padrão *vs.* Não-padrão; conservadoras *vs.* inovadoras; de prestígio *vs.* estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza de prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. (1994, pp.11- 12)

Ora se o brasileiro não soubesse falar o português segundo Bagno (2007) ninguém se comunicava no Brasil sem um tradutor, o que é muito improvável disso acontecer, pois todo indivíduo brasileiro seja do estado do Amapá ou do Rio Grande do Sul certamente se comunicariam. Lógico, se há entendimento entre um locutor e um interlocutor logo ninguém fala errado seja ele culto ou não.

Assim também podemos constatar, a partir da citação a seguir, extraída dos PCN's (1998) que a língua muda e que por isso o aluno deve estar preparado para identificar tais mudanças:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em "Língua Portuguesa" está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p. 29).

Essas diferenças, conforme Mollica, presentes na língua são chamadas de variações linguísticas que

(...) constitui o fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância (2005, p. 11).

Desta forma, levando em consideração as diferenças sociais, históricas e regionais percebe-se o quão frequente as variações linguísticas estão presentes na sala de aula e, portanto, devem ser abordadas pela escola de forma crítica e imparcial. Porém, essa questão é ainda pouco trabalhada em aula, uma vez que “professores não sabem como agir diante dos chamados “erros de português” (FRAGA, 2005, p. 107)”.

Como informa Bastos (2004, p. 227), “há tipos de variação que interferem diretamente na atividade discursiva sob vários pontos de vista” e para tal, tanto a escola como o livro didático devem reservar um espaço significativo em sua abordagem, para que os alunos possam não apenas identificar as variedades da língua, mas também respeitar e refletir sobre essa questão que gera tanto preconceito na sociedade e, no entanto, é tão pouco discutida e reavaliada.

2.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Segundo Paulo Freire, "não há saber mais ou saber menos: há saberes diferente". Visando valorizar as bagagens em que o aluno é inserido em seu ambiente familiar, verifica a tamanha importância de se trabalhar a norma de forma cautelosa.

Pode-se obter como resultado que, a diversidade pode não está sendo muito levada em consideração pela sociedade, mas, é uma dos maiores problemas do cotidiano. Por ser um país de diversidades e ocorrer inúmeros preconceitos, é perceptível que esse preconceito não atinge somente as pessoas que passam por esta desagradável situação, atinge também os familiares e a convivência social do indivíduo com que se senti intimidado para fazer novas amizades ou até mesmo valoriza as ditas verdadeiras, contudo o indivíduo acaba por isolar-se de tudo.

Podendo assim até se dar a uma doença psicológica como a depressão. Cabem aos profissionais da educação e principalmente a sociedade dar mais atenção na fala do aluno, com percepção do quanto cada cultura familiar dos alunos tem seus valores e vantagens que é escondida por uma hipocrisia social. As diferenças linguísticas existem.

Entretanto, não devem ser consideradas como “erros”, “deturpações” da língua. A variedade linguística do aluno pode e deve ser utilizada como ponto de partida para o

ensino da norma culta não para dizer o quanto está errada, o quanto é feia (porque não é!), mas para descrever as regras que a explica. Desse modo, o professor pratica um trabalho descritivo-reflexivo de língua. Freire (1967) apresenta importantes reflexões sobre a educação dos sujeitos marginais de nossa sociedade.

Para o autor, esses indivíduos possuem conhecimentos importantes de serem considerados pela escola, embora estejam excluídos do conhecimento sistematizado. É nesse contexto que ele se preocupa em promover uma educação para a autonomia dos oprimidos e, portanto, emancipatória e libertadora.

Não pode descartar o conhecimento do indivíduo por menos que não tem grandes conhecimentos, sempre há algo para ensinar. Ex.: um idoso às vezes tem dificuldades para manobrar a tecnologia muito usada nos dias atuais, portanto, esta mesma pessoa tem muitas experiências de vida para ensinar. A linguagem tem várias formas de ser compreendido, o Brasil com sua extensão geográfica grande e ter recebido vários imigrantes, contribuiu para a comunicação se tornou uma linguagem típica regional.

2.3.1 ESCOLA E FAMÍLIA

Inicialmente, para entender o real sentido da família para o desenvolvimento da criança é necessário compreender o que é família e como se constitui. Segundo o dicionário Aurélio família “são pessoas aparentadas, que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos [...] Núcleo constituído pela união entre dois indivíduos e pelos filhos nascidos ou agregados a partir dessa união.” (FERREIRA, 2010, p. 915). Portanto, pode-se entender que é o conjunto de pessoas que independente de sangue ou ligação estão unidas em um mesmo lar.

Além disso, a família é a base de reconhecimento cultural da criança, pois através dela o indivíduo recebe suas primeiras influências e impressões sobre a sociedade e o mundo. Pensar a respeito do significado da palavra família nos permite perceber que seu sentido vai muito além de saber que existe um pai provedor e uma mãe responsável pelo educar. Com as inovações que ocorrem constantemente na sociedade, a

família passa a ser um lugar de união e acolhimento, independente de quantas pessoas fazem parte ou até mesmo se existe um pai e uma mãe.

Nesse sentido, por meio de mudanças nas concepções de estudos antropológicos e sociológicos, hoje em dia é normal ver que não existem famílias iguais, pois muitas vezes sua constituição pode ser apenas de uma pessoa, de um grupo de amigos, apenas a mãe, uma irmã, os pais de um amigo, um primo ou um casal de tios, dentre outros.

Partindo disso, é necessário saber que a família é um dos principais fatores que influenciam no processo de desenvolvimento da fala da criança, pois são os primeiros indivíduos com que a criança realiza sua comunicação inicial. É através do meio familiar que ela passa a ter suas primeiras vivências com a oralidade.

Portanto, é necessário que a partir do momento em que a criança adentra em uma escola, a família e os professores mantenham uma boa relação de parceria para que assim possa haver uma interação na realização desse constante processo de desenvolvimento da linguagem oral do sujeito.

Pensando nisso Bondioli e Mantovani (1998, p. 211) dizem que: é necessário que a família não possua um papel secundário no processo educacional da criança. Realmente, a creche não é um serviço capaz de substituir a família, mas de fortalecer a sua função, fornecendo um sistema de suporte para recursos, valores, convicções e ajuda no estresse. Somente através da colaboração entre instituição e família, a criança terá grandes vantagens da experiência de interação e comunicação que lhe é possibilitada na creche.

Com base nisso, compreende-se que é necessário que exista interesse da família em se tornar participante do desenvolvimento da criança na instituição de ensino e que a escola realize seu papel em possibilitar meios de promover essa parceria. Um dos aspectos importantes que norteia essa relação é o nível socioeconômico da família, pois o que muito se percebe pelos discursos de professores, gestores e instituições de ensino são que as famílias que possuem melhor situação econômica carecem de dispor da afetividade.

Já as de menor nível social são vistas como carentes de melhor nível de conhecimento e tempo para dedicar-se aos filhos, pois gastam mais tempo trabalhando. Entretanto, são inúmeros os fatores que norteiam as relações da família com a escola,

estes podem advir da sociedade em que se encontram, da cultura a qual pertencem, do nível econômico e até mesmo da religião que seguem.

Entretanto, conforme os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil: as instituições de educação devem servir de apoio real e efetivo às crianças e suas famílias, respondendo às suas demandas e necessidades. Evitar julgamentos moralistas, pessoais ou vinculados a preconceitos é condição para o estabelecimento de uma base para o diálogo (BRASIL, 1998, p. 78).

Portanto, a participação da família é de extrema importância no processo de aprendizagem da criança, isso se estende fundamentalmente no bom desenvolvimento de sua fala. Entretanto, essa relação não deve existir apenas em seus primeiros meses de vida, mas também através de uma continuidade dada por meio de incentivos na leitura e no diálogo diário.

Além disso, ouvir a criança e deixar que se expresse livremente através da fala ou de outras formas que desejar se comunicar também auxiliará nesse processo. Um sujeito que nasce em um ambiente que estimule sua oralidade possui maiores possibilidades de desenvolver sua fala de maneira mais rápida. Além disso, é importante que a família dê importância e atenção para o que a criança diz tornando sua linguagem parte dos

De acordo com Bagno (2004), já há décadas (socio) linguistas brasileiros vêm empreendendo esforços em descrever nossa língua materna, o que tem resultado em centenas de dissertações, teses, monografias e artigos científicos. Entretanto, apenas há pouco mais de uma década, é que tem havido preocupação mais intensa desses estudiosos em utilizar os resultados obtidos nessas pesquisas como “instrumental pedagógico capaz de interferir nas práticas de educação linguística” de nossas escolas.

Visto que se torna enriquecedor o vocabulário, o conhecimento e acima de tudo o respeito quando se trata de uma pessoa que tem costumes diferentes, por exemplo: as variantes são percebidas nos dialetos existentes como o baiano, paulista, carioca, goiano, gaúcho entre outros.

As diferentes situações de fala devem ser trabalhadas de forma que o educando possa adequar-se à variação situacional na qual está inserido. Não se trata de um juízo de valor entre *o bom falar* ou *mau falar* ou ainda *o falar certo* ou *falar errado*, trata-se

de um estudo eficiente da língua que ultrapasse as questões puramente relacionadas à gramática normativa e que levem o aluno a utilizar sua língua materna como desejar e da forma que lhe for mais conveniente.

A língua é a nossa expressão básica, e, por isso, ela muda de acordo com a cultura e região, a época, o contexto, as experiências e as necessidades do indivíduo e do grupo que se expressa.

As mudanças que ocorrem no processo oral da língua de uma região para outra culmina muitas vezes em preconceito linguístico. Dentre os estudos que envolvem esta temática está a sociolinguística que concebe a língua como uma manifestação social.

2.4 SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística é a ciência que estuda a interdependência entre a linguagem e a sociedade cuja conceituação se originou no pensamento de Durkheim (1993, 2001) que estabeleceu que os sinais feitos ao longo da vida de pessoas são expressões que denotam um significado. Este ramo da linguística teve sua origem por volta de 1963 nos Estados Unidos, isso não implica ignorar o trabalho realizado na União Soviética em 1928 sobre a dimensão preenchida pela linguagem na sociedade e os objetivos teóricos de uma ciência tão relevante (MONTES, 1995).

A sociolinguística exige um trabalho interdisciplinar entre a sociologia e linguística, o que lhe confere autonomia e metodologia própria, bem como um objetivo específico e delimitado de estudo, além disso a sociolinguística estuda os aspectos que surgem entre a capacidade semiótica que é a linguagem, e a facetas que se originam nas relações entre linguagem e estrutura social (MARTÍNEZ, 2018).

Os avanços teórico-conceituais em linguística não tardam. Portanto, o progresso da sociolinguística não é exceção, prova disso são os estudos promovidos por Bronislaw Malinowsky e Firth que se propõem a realizar estudos extralinguísticos projetados para o estudo do campo semântico no contexto social.

Além do exposto, há os trabalhos formalizados por Halliday com sua teoria da “Linguística Funcional”, Hymes (1964) “etnografia da educação”, Courtney Cazden (1972-1997 citado em Blanco, 2005) cujos estudos visam estudo da língua em relação à

educação onde o processo de aprendizagem, Nancy Weber e Chick Moorman com estudos voltados para a interação oral entre professores e alunos, Van Dijk com análise do discurso e a metodologia da pesquisa social projetada para a produção de conhecimento, e Saúde, que propõe estudos sobre linguagem e educação (MARTÍNEZ, 2018).

Esses autores discorrem sobre os avanços teórico-conceituais que versam a importância da aplicação dos estudos sociolinguísticos no contexto sociocultural, e mais exatamente no campo da educação na atualidade, cuja abordagem é verificada com base no que foi afirmado por Giroux (1990)

O professor deve estar ciente do uso da linguagem em sala de aula e ser capaz de monitorar sua própria fala e a dos outros. Trata-se de preparar o aluno para enfrentar situações comunicativas reais, permitindo-lhe usar os recursos da linguagem e funcionar com sucesso em vários contextos: acadêmico, profissional, pessoal e familiar

Diante disso, o professor deve ser o profissional da educação que aplica seu conhecimento para a formação de seres pensantes, ativos, é necessário, inclusive, que ir além do estabelecido e emanado nas próprias normas e objetivos propostas pelo sistema educacional, pois o que é relevante é ser um professor que promove a transformação baseada no ensino e aprendizagem da funcionalidade e uso do linguagem, comprometendo-se com a aplicação pragmática do discurso e sua análise interior do contexto político e ideológico que levará à formação de um pensamento crítico.

Portanto, o ensino da língua e sua função desde o ponto prático é definitivo para conscientizar os alunos em qualquer nível escolar sobre sua utilidade e razão de estar longe da norma que classifica da fala as “estruturas lógicas” (TOBÓN, 1996) que se tornam conceitos aprendidos e transmitidos por muito tempo em sala de aula, mas sem submetê-los à revisão.

Disciplinas como sociolinguística, etnografia do discurso, sociologia da linguagem expressaram suas formas linguísticas e suas gramáticas dando a entender para seus usuários que essas são as maneiras pelas quais os falantes se expressam no cotidiano, ou seja, a fórmula é linguagem-fala-linguagem; e não como se queria estabelecer até agora: língua-língua-fala, indicando de antemão que a realidade é muito

diferente do que consta nos livros didáticos, e as instituições que regulam seu uso (CALDERÓN, 2011).

A indubitável importância do ensino e do uso da língua por meio de sua aplicação em instituições como na escola, ou mesmo na mesma academia, constitui um propósito teleológico que tem seu suporte teórico-conceitual na abordagem de Halliday (1986) o qual defende que a linguagem, através da fala, constitui o sujeito e a sociedade em todas as suas dimensões cognitivo e comunicativo.

O ser racional e pensante tem o poder de usar a linguagem por meio da fala, tornando-se assim um ser social que se relaciona através do processo de comunicação e promove a aprendizagem do conhecimento e do conhecimento de que necessita para a sua evolução e preservação pessoal e social.

Halliday (1986) argumenta que a linguagem se expressa por meio de três aspectos:

a) comportamento; b) conhecimento; ec) arte. Quanto ao primeiro, a linguagem é o espaço que permite a socialização do conhecimento, da sabedoria e da cultura. É um lugar ideal para a construção da sociedade através do emprego e do uso da linguagem, cuja pragmática permite colaboração, inserção, correspondência, eliminação, marginalidade, separação pelo uso de práticas socioculturais que servem de resistência e que são mediadas pelas pessoas em que a língua é o instrumento intermediário.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Levando como base o tema proposto, esta pesquisa será desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica, de cunho quantitativo, descritivo e exploratório.

Segundo Lakatos (2003, p. 33), a pesquisa quantitativa descritivo:

consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave. Qualquer um desses estudos pode utilizar métodos formais, que se aproximam dos projetos experimentais, caracterizados pela precisão e controle estatísticos, com a finalidade de fornecer dados para a verificação de hipóteses. Todos eles empregam artifícios quantitativos tendo por objetivo a coleta sistemática de dados sobre populações, programas, ou amostras de populações e programas. Utilizam várias técnicas como entrevistas, questionários, formulários etc. e empregam procedimentos de amostragem. (2003, p. 187),

A pesquisa bibliográfica é feita por meio de leituras de livros PPPs, artigos, decretos, históricos escolar e etc., com o intuito de coletar o máximo de informações possíveis a despeito do tema estudado. Desta forma, a pesquisa bibliográfica, consente ao pesquisador uma ciência mais apurada, abastecendo elementos claras sobre o objeto estudado. Além, é claro, de expandir seu conhecimento, a mesma, se torna uma clara “arma” para o investigador que procura respostas, que de acordo com Gil (1989, p. 71)

[...]a pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muitos dispersos no espaço [...] ou seja, para você conhecer o continente europeu, por exemplo, não necessariamente você precisa viajar até lá, mas através de um bom material bibliográfico esta questão fica aparentemente possível (*grifos nossos*).

Sendo assim, este estudo fruto de natureza básica, tem como objetivo gerar conhecimentos inovadores e de grande valia para o avanço da ciência sem que tenha uma aplicação prática presumida, envolve verdades e interesses gerais. Já no campo de abordagens será realizada de maneira qualitativa apresentando de acordo com as presunções da observação bibliográfica, de acordo Ludke e André (1986) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de informações e o pesquisador como seu principal instrumento, pois possuem o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo.

Dando seguimento, foi realizada a análise e exposição do assunto como forma de sistematizar de maneira clara e objetiva o tema e o problema propostos. A escolha desse protótipo foi respaldada pela precisão de uma imersão da investigadora no contexto escolar para, por meio dos procedimentos investigativos alegóricos desta abordagem metodológica, compreender a oralidade familiar do sujeito social aluno, na aprendizagem.

Posto isto, os objetivos da pesquisa são exploratórios e descritivos. De acordo com Silva (2001 esse tipo de pesquisa tem como objetivo a familiarização com o problema, tendo em vista torná-lo explícito ou de construir hipóteses, possuindo como característica o levantamento bibliográfico, já a pesquisa descritiva tem como objetivo

descrever as características de determinado fato, fenômeno ou o estabelecimento entre variáveis possuindo como envolvimento o uso de técnicas padronizadas de coletas de dados como questionários e observação sistemática. Geralmente encontramos como pesquisa em forma de levantamento.

Além do mais, ainda Segundo Gil (1999) as pesquisas descritivas tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, o que se acredita ser oportuno ao investigar as diferentes percepções envolvidas no ensino do esporte no contexto escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem oral é um dos aspectos fundamentais na vida dos seres humanos, pois é por meio dela que ocorre a socialização, a organização dos pensamentos e experiências. Desse modo, ela amplia as possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais.

A oralidade constitui uma capacidade comunicativa que configura modos de perceber, de pensar e, portanto, para expressar o mundo. É um código com particularidades próprias que ao longo dos anos tem estado ausente da educação linguística e literária proporcionada pela escola e esta ausência se reflete de maneira negativa, uma vez que o Brasil possui uma diversidade linguística que precisa ser considerada a fim de que os estudantes sejam compreendidos nas suas formas de expressar.

Do ponto de vista sócio-histórico, as capacidades psicológicas tipicamente humanas, como a linguagem, são adquiridas e desenvolvidas fundamentalmente por meio de práticas educativas, ou seja, com a participação da criança em situações de interação e atividade conjunta com outras pessoas.

Nesse processo de mediação social não se deve dar importância apenas aos mediadores instrumentais e aos conteúdos (o que se ensina e como se ensina), mas também aos agentes sociais e suas características (quem ensina, quais particularidades o professor entre outros).

Ao se considerar tais aspectos, a escola pode contribuir para a interação da criança na escola, considerando a linguagem que ela leva consigo, as interferências da fala familiar e as diferentes maneiras de potencializar a comunicação com os demais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádía Maria Ribeiro. Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003, 16(2), pp. 327-336.

CALDERÓN. D. **Sociolinguística e educação.** (2011)

Disponível

em <le:///C:/Users/ACER/Downloads/DialnetSociolinguisticaYEducacionElHabraEnElAula-4043210%20(4).pdf> Acesso em 12 mar. 2022.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas** (2018) Disponível em <

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf > Acesso em 5 mar. 2022.

CZOPEK, Natalia. **De uma língua oral sem escrita à escrita de uma língua oral: o caso do crioulo cabo-verdiano das ilhas do Barlavento e Sotavento.** *Études Romanes de Brno* 37 / 2016 / 1.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Work. Pap. Linguíst.**, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

HALLIDAY, M. **A linguagem como semiótica social.** México: FCE, 1986.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MAGALHÃES, M. I. S. Língua oral, língua escrita: uma questão de valores sociais. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 8(2), 2019. Disponível em < <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45930> > Acesso em 4 mar. 2022.

MARTÍNEZ, Saulo. **Sociolinguística, uma ciência aplicável à ensino de línguas na sala de aula.** Disponível em



<<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=hGIWJRN>> Acesso em 12 mar. 2022.

MATUCHAC, Mariele Kássia et al. **Varição linguística e preconceito linguístico: análise de estudos sobre estes fenômenos no ambiente escolar do ensino médio (2017)** Acesso em 1 marc, 2022.